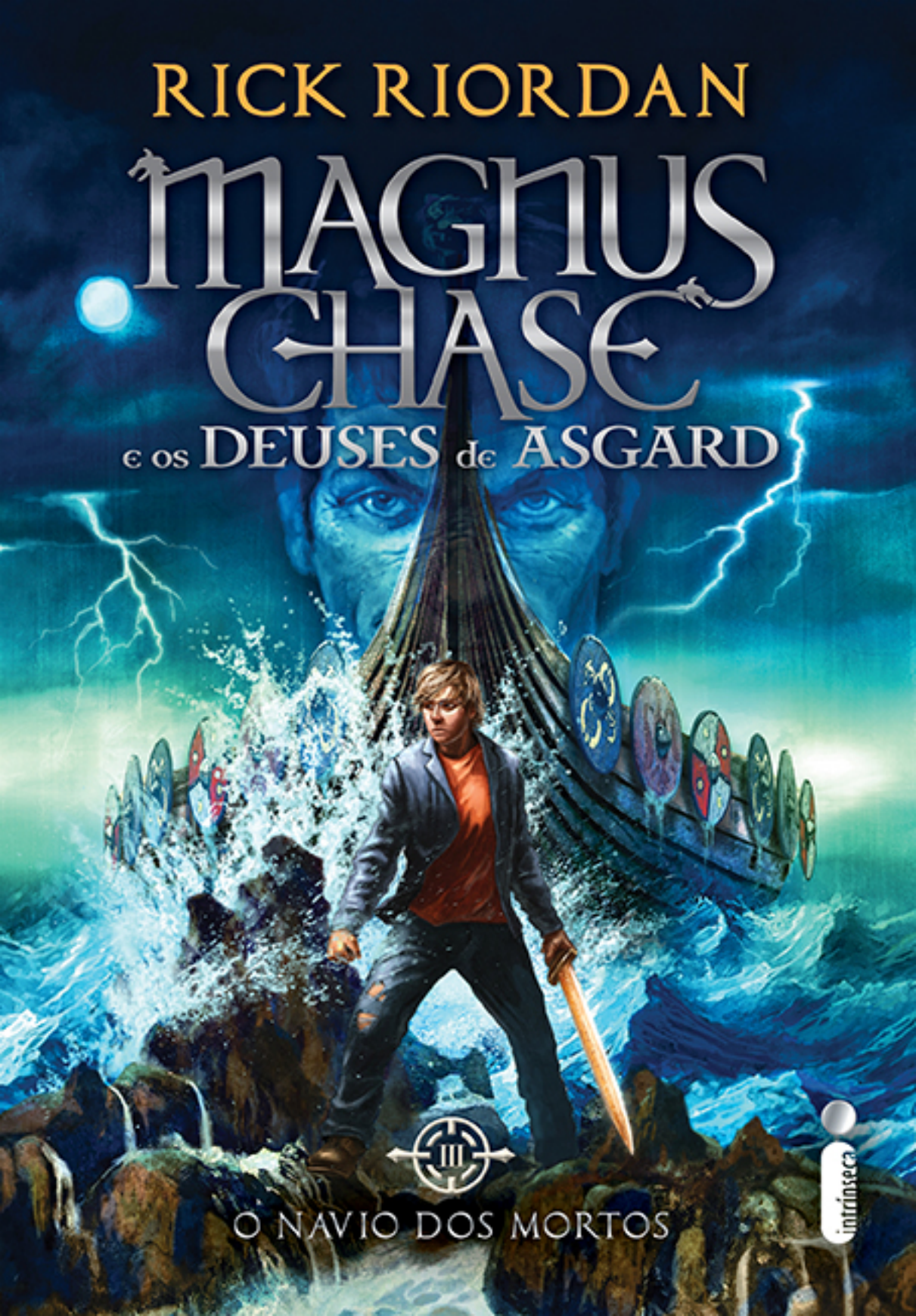
RICK RIORDAN

MAGNUS CHASE

e os DEUSES de ASGARD



III

O NAVIO DOS MORTOS

intrínseca

MAGNUS CHASE

e os DEUSES de ASGARD

RICK RIORDAN

MAGNUS CHASE e os DEUSES de ASGARD

III

O NAVIO DOS MORTOS

Tradução de Regiane Winarski

intrínseca

Copyright © 2017 by Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Ship of the Dead

PREPARAÇÃO
Marina Góes

REVISÃO
Beatriz D'Oliveira
Cristiane Pacanowski

DIAGRAMAÇÃO
Kátia Regina Silva

ILUSTRAÇÕES DAS RUNAS
Michelle Gengaro-Kokmen

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN DE CAPA
SJI Associates, Inc.

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© 2017 John Rocco

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R452m

Riordan, Rick, 1964-
O navio dos mortos / Rick Riordan ; tradução Regiane Winarski.
– 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.

368 p. ; 23 cm. (Magnus Chase e os deuses de Asgard ; 3)

Tradução de: The ship of the dead
ISBN 978-85-510-0247-6

1. Mitologia nórdica - Ficção. 2. Ficção infantojuvenil americana.
I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

17-43875 CDD: 028.5
CDU: 087.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Phillip José Farmer,
cujos livros da série Riverworld despertaram meu amor por história

SUMÁRIO

1. Percy Jackson se esforça ao máximo para me matar 9
2. Sanduíches de falafel com Ragnarök 16
3. Eu herdo um lobo morto e umas cuecas 24
4. Mas veja só: se você agir agora, o segundo lobo é de *graça*! 31
5. Eu me despeço de Erik, de Erik, de Erik e também de Erik 40
6. Eu tenho um pesadelo com unhas do pé 51
7. Nós todos nos afogamos 59
8. No salão do hipster carrancudo 68
9. Viro vegetariano por uma hora 75
10. Podemos falar sobre hidromel? 83
11. Minha espada leva a gente para (pausa dramática) a era disco 92
12. O cara com belos pés 99
13. Malditos avôs explosivos 108
14. Nada acontece. É um milagre 115
15. Macaco! 122
16. Homem de cuspe vs. serra elétrica. Adivinhem quem ganhou? 127
17. Somos atacados por umas pedras 133
18. Eu enrolo massinha até morrer 141
19. Eu vou a um aquecimento zumbi 149
20. Tveirvigi = Pior vigi 157
21. Uma tarde de diversão com corações explosivos 163
22. Tenho péssimas notícias, mas…
    Não, na verdade só tenho péssimas notícias mesmo 171
23. Siga o cheiro de sapos mortos
    (ao som de "Siga a Estrada dos Tijolos Amarelos") 178

24. Eu gostava mais do pai de Hearthstone quando ele era um alienígena que abduzia vacas 186
25. Elaboramos um plano fabulosamente horrível 191
26. As coisas ficam esquisitas 196
27. Nós ganhamos uma pedrinha 204
28. Nunca me peça para cozinhar o coração do meu inimigo 211
29. Nós quase viramos atração turística norueguesa 218
30. Fläm, bomba, valeu, mãe 227
31. Mallory ganha uma noz 234
32. Mallory também ganha umas amoras 241
33. Nós elaboramos um plano horrivelmente fabuloso 247
34. Primeiro prêmio: um gigante! Segundo prêmio: dois gigantes! 254
35. Nunca mais quero depender de um bando de corvos 261
36. A balada de Mestiço, o herói do buraco 268
37. Alex morde a minha cara 277
38. Skadi sabe de tudo, flecha tudo 283
39. Eu fico poético tipo, sei lá… um poeta 292
40. Recebo uma ligação a cobrar de Hel 298
41. Eu peço um tempo 307
42. Eu começo por baixo 314
43. Tenho um *grand finale* 321
44. Por que eles têm canhões? Eu quero canhões 328
45. Se vocês entenderem o que acontece neste capítulo, me contem, porque eu não faço a menor ideia 333
46. Eu ganho um roupão fofinho 338
47. Muitas surpresas, e algumas até que são boas 347
48. O Espaço Chase ganha vida 353
Glossário 357

UM

Percy Jackson se esforça ao máximo para me matar

— Tente de novo — disse Percy. — Desta vez, morrendo menos.

De pé no topo do mastro do USS *Constitution*, olhando para o porto de Boston sessenta metros abaixo, eu desejei ter as defesas naturais de um urubu de cabeça vermelha. Assim, poderia projetar vômito em Percy Jackson e fazer com que ele fosse embora.

Na última vez que ele me fez tentar dar aquele pulo, apenas uma hora antes, quebrei todos os ossos do corpo. Alex Fierro me levou correndo para o Hotel Valhala a tempo de eu morrer na minha própria cama.

Infelizmente, eu era um einherji, um dos guerreiros imortais de Odin. Desde que morresse dentro dos limites de Valhala, minha morte não seria permanente. Trinta minutos depois, acordei novinho em folha. Agora, lá estava eu de novo, pronto para sentir mais dor. Uhul!

— Isso é mesmo necessário? — perguntei.

Percy apoiou as costas nos cordames, o vento bagunçando seu cabelo preto.

Ele parecia um garoto normal: camiseta laranja, calça jeans, tênis brancos surrados. Se o vissem andando na rua, não pensariam: *Ei, olha só, um semideus filho de Poseidon! Viva os olimpianos!* Ele não tinha guelras nem dedos com membranas, mas os olhos eram verdes da cor do mar; do mesmo tom que eu imaginava que minha cara estivesse naquela hora. A única coisa estranha em Jackson era a tatuagem na parte interna do antebraço: um tridente tão escuro quanto madeira queimada, com uma única linha embaixo e as letras SPQR.

Ele já tinha contado que as letras eram a sigla de *Sono Pazzi Quelli Romani — esses romanos são doidos*. Eu não tinha certeza se ele estava falando sério.

— Olha, Magnus — disse Percy. — Você vai navegar por território hostil. Um bando de monstros marinhos e deuses do mar e sei lá mais o quê vão tentar matar você, certo?

— É, acho que sim.

Com isso, eu queria dizer: *Por favor, não faça eu me lembrar disso. Por favor, me deixe em paz.*

— Em algum momento — continuou Percy —, você vai ser jogado para fora do barco, talvez de um lugar alto como este. Você vai precisar saber como sobreviver ao impacto, não se afogar e voltar para a superfície pronto para a luta. Vai ser difícil, ainda mais na água fria.

Eu sabia que ele estava certo. Pelo que minha prima Annabeth tinha me contado, Percy passou por aventuras ainda mais perigosas do que eu. (E eu morava em Valhala, morria pelo menos uma vez por dia.) Só que, por mais que apreciasse o fato de ele ter vindo de Nova York me oferecer dicas heroicas de sobrevivência aquática, eu já estava ficando de saco cheio de tanto fracassar.

No dia anterior, eu tinha sido mastigado por um tubarão-branco, estrangulado por uma lula-gigante e queimado por mil águas-vivas furiosas. Havia engolido vários litros de água salgada tentando prender a respiração e aprendido que minhas habilidades em combate mano a mano não melhoravam quando eu estava dez metros debaixo d'água.

Naquela manhã, Percy já tinha andado comigo pelo Old Ironsides tentando me ensinar o básico sobre navegação e náutica, mas eu ainda não conseguia entender a diferença entre o mastro da mezena e o convés de tombadilho.

Agora, ali estava eu: um fracasso em cair de um mastro.

Ao olhar para baixo vi Annabeth e Alex Fierro nos observando do convés.

— Você consegue, Magnus! — gritou Annabeth, animada.

Alex fez sinal de positivo. Pelo menos, eu acho que o gesto foi esse. Era difícil ter certeza lá do alto.

Percy respirou fundo. Ele tinha sido paciente comigo até aquele momento, mas percebi que o estresse do fim de semana também já começava a afetá-lo. Sempre que ele olhava para mim, seu olho esquerdo tremia.

— Tá tudo bem, cara — prometeu Percy. — Vou demonstrar de novo, ok? Comece na posição de queda livre, braços e pernas abertos para desacelerar a queda. Então logo antes de bater na água, estique o corpo como uma flecha, cabeça para cima, calcanhares para baixo, costas retas, bunda contraída. Essa última parte é muito importante.

— Queda livre — repeti. — Abertos. Flecha. Bunda.

— Isso. Olha só.

Ele pulou do mastro e caiu na direção do porto na posição perfeita, com as pernas e os braços abertos. No último momento, ele se esticou com os calcanhares para baixo e bateu na água, desaparecendo sem mal fazer a superfície ondular. Um instante depois, emergiu, as palmas das mãos para cima como quem diz: *Viu só? É fácil!*

Annabeth e Alex aplaudiram.

— Vamos lá, Magnus! — gritou Alex para mim. — Agora é sua vez! Seja homem!

Acho que isso era para ser uma piada. Na maior parte do tempo, Alex se identificava como do gênero feminino, mas hoje estava definitivamente masculino. Às vezes eu me enganava e usava os pronomes errados para ele/ela, então Alex rebatia implicando comigo sem piedade. Amizade é isso.

— Arrasa, primo! — exclamou Annabeth.

Lá embaixo, a superfície escura da água brilhava como uma sanduicheira recém-lavada, pronta para me esmagar.

"Certo", murmurei para mim mesmo.

E pulei.

Por meio segundo, me senti bem confiante. O vento assobiava nos meus ouvidos. Abri os braços e consegui não gritar.

Beleza, pensei. *Eu consigo fazer isso.*

E foi nessa hora que minha espada, Jacques, veio voando do nada querendo bater papo.

— Oi! — As runas dele brilharam pela lâmina dupla. — O que você está fazendo?

Eu me debati todo ao tentar ficar na vertical para o impacto.

— Jacques, agora não!

— Ah, entendi! Você está caindo! Sabe, uma vez Frey e eu estávamos caindo quando…

Antes que ele pudesse continuar o que com certeza seria uma história fascinante, eu atingi a água.

Como Percy tinha avisado, o frio atordoou meu cérebro. Eu afundei, momentaneamente paralisado, sem ar nenhum nos pulmões. Meus tornozelos latejavam como se eu tivesse mergulhado em uma parede de tijolos. Mas pelo menos eu não estava morto.

Procurei ferimentos maiores. Quando se é um einherji, a gente fica especialista em identificar a própria dor. A gente pode estar cambaleando em um campo de batalha de Valhala, ferido mortalmente, prestes a dar o último suspiro, e ainda assim pensar calmamente: *Ah, então é essa a sensação de ter a caixa torácica esmagada. Interessante!*

Desta vez, eu tinha certeza de que havia quebrado o tornozelo esquerdo. O direito estava só torcido.

Coisa fácil de resolver. Conjurei o poder de Frey.

Como a luz do sol no verão, um calor se espalhou do meu peito até minhas pernas. A dor diminuiu. Eu não era tão bom em curar a mim mesmo quanto era em curar os outros, mas senti os tornozelos começando a melhorar, como se um bando de vespas simpáticas rastejasse sob minha pele, cobrindo as fraturas de lama, reconstituindo os ligamentos.

Ah, bem melhor, pensei enquanto flutuava pela escuridão fria. *Mas tem outra coisa que eu devia estar fazendo… Ah, é. Respirando.*

O cabo de Jacques cutucou minha mão como um cachorro querendo atenção. Fechei os dedos na empunhadura de couro e ele me puxou para cima, me tirando da água como uma Dama do Lago com propulsão a jato. Caí no convés do Old Ironsides, ofegante e trêmulo, ao lado dos meus amigos.

— Opa. — Percy deu um passo para trás. — Isso foi inusitado. Você está bem, Magnus?

— Estou — respondi, tossindo e parecendo um pato com bronquite.

Percy olhou as runas que brilhavam na espada.

— De onde veio essa espada?

— Oi, eu sou o Jacques! — apresentou-se Jacques.

Annabeth sufocou um grito.

— Ela fala?

— *Ela?* — perguntou Jacques. — Ei, moça, exijo respeito. Sou *Sumarbrander*! A Espada do Verão! A arma de Frey! Existo há milhares de anos! E sou homem!

Annabeth franziu a testa.

— Magnus, quando me contou sobre sua espada mágica, acho que você se esqueceu de mencionar que ela… hum… que *ele* fala.

— Esqueci? — Sinceramente, eu não conseguia lembrar.

Nas semanas anteriores, Jacques saiu por aí sozinho, fazendo o que espadas mágicas sencientes fazem no tempo livre. Percy e eu praticávamos com espadas de treino padrão do Hotel Valhala. Não me ocorreu que Jacques poderia aparecer do nada e se apresentar. Além do mais, Jacques falar era a coisa *menos* estranha a respeito dele. Ele saber de cor todas as canções do musical *Jersey Boys*… *isso* sim era esquisito.

Alex Fierro parecia estar tentando não rir. Ele estava de rosa e verde hoje, como sempre, embora eu nunca tivesse visto aquela combinação antes: coturnos, jeans rosado ultra skinny, camisa verde-limão para fora da calça e gravata xadrez, frouxa como se fosse um colar. Com seu Ray-Ban de armação preta e grossa e o cabelo verde repicado, parecia ter saído de uma capa de disco de new wave de 1979.

— Seja educado, Magnus — disse ele. — Apresente seus amigos para a sua espada.

— Hã, tá. Jacques, estes são Percy e Annabeth. Eles são semideuses gregos.

— Ah… — Jacques não pareceu impressionado. — Já conheci Hércules.

— Quem nunca? — murmurou Annabeth.

— É verdade — admitiu Jacques. — Mas acho que, se vocês são amigos do Magnus…

Jacques ficou totalmente imóvel. Suas runas se apagaram. Então pulou da minha mão e voou na direção de Annabeth, a lâmina estremecendo como se farejasse o ar.

— Onde ela está? Onde você escondeu a gata?

Annabeth recuou na direção da amurada.

— Opa, calma aí, espada. Não tão perto!

— Jacques, comporte-se — disse Alex. — O que você está fazendo?

— Ela está em algum lugar aqui — insistiu Jacques, voando até Percy. — Ahá! O que você tem no bolso, garoto do mar?

— Oi? — Percy pareceu meio nervoso com o fato de a espada mágica estar pairando perto da cintura dele.

Alex baixou os óculos.

— Agora eu fiquei curioso. O que é que você tem no bolso, Percy? A espada quer saber.

Percy tirou uma caneta esferográfica de aparência comum do bolso da calça.

— Você está falando disto?

— A-HA! — exclamou Jacques. — Quem é essa belezinha?

— Jacques — falei. — Isso é uma caneta.

— Não, não é. Eu quero ver! Me mostra!

— Hã… claro.

Percy tirou a tampa da caneta.

Na mesma hora ela se transformou em uma espada de noventa centímetros com uma lâmina de bronze brilhante em formato de folha. Em comparação a Jacques, ela parecia delicada, quase *mignon*, mas pela forma como Percy brandia a arma, eu não tinha dúvida de que ele seria capaz de se defender com aquela coisa nos campos de batalha de Valhala.

Jacques virou a ponta na minha direção, suas runas brilhando em vermelho-escuro.

— Viu só, Magnus? Eu *disse* que não era idiotice carregar uma espada disfarçada de caneta!

— Eu nunca disse que era, Jacques! — protestei. — *Você* disse.

Percy ergueu a sobrancelha.

— Do que vocês estão falando?

— Nada, não — respondi rapidamente. — Esse é o famoso Contracorrente? Annabeth me contou sobre ele.

— Sobre *ela* — corrigiu Jacques.

Annabeth franziu a testa.

— A espada do Percy é menina?

Jacques riu.

— Ah, *dã*.

Percy observou Contracorrente. Por experiência própria, eu poderia ter dito a ele que era quase impossível saber o gênero de uma espada só de olhar para ela.

— Hum… — disse ele. — Você tem certeza…?

— Percy — interrompeu Alex. — Respeite o gênero.

— Tudo bem, tá. Só é meio estranho eu descobrir isso agora.

— Por outro lado — comentou Annabeth —, você não sabia que dava para *escrever* com a caneta até o ano passado.

— Golpe baixo, Sabidinha.

— Enfim! — interrompeu Jacques. — O importante é que Contracorrente está aqui agora, é linda e me conheceu! Talvez a gente possa… sabe como é… ter um momento a sós para falar sobre, er, assuntos de espada?

Alex deu um sorrisinho.

— Parece uma ideia maravilhosa. Que tal a gente deixar as espadas se conhecendo enquanto vamos almoçar? Magnus, acha que consegue comer falafel sem engasgar?

Em seguida havia um termo que supus

ser norueguês antigo. Depois, algumas anotações.

E, na última página,

Randolph rabiscou meu nome:

Magnus.

Magnus Chase não sabia o que pensar sobre a anotação encontrada no caderno do tio, mas estava disposto a aceitar qualquer ajuda para impedir Loki de iniciar o Ragnarök. Mesmo sem um bom plano, ele, Sam, Alex, Hearth, Blitz e seus companheiros de Valhala partem em uma viagem de navio por mares turbulentos, enfrentando todo tipo de desafios na tentativa de descobrir uma forma de capturar o deus de uma vez por todas. O destino dos nove mundos está novamente nas mãos de Magnus, e agora ele vai precisar vencer seus medos e desafiar o deus da trapaça e da lábia em um vitupério: uma competição de insultos.

ISBN 978-85-510-0247-6

9 788551 002476

www.intrinseca.com.br